

PANORAMA GLOBAL SOBRE BURNOUT EM PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Global overview of Burnout in teachers of physical education

PEREIRA, Erika Cristina de Carvalho Silva¹
FREITAS, Rogério Gonçalves de²

RESUMO

Nos últimos anos, a síndrome de Burnout tem se alastrado quase que como uma epidemia em professores em todo o mundo. Expectativas e realizações no trabalho chocam-se com a realidade e produzem frustrações. Este elaborado teve como objetivo investigar os elementos causais e efeitos do Burnout em professores de Educação Física a partir das prevalências dessa síndrome em estudos realizados no Brasil e em alguns países do mundo. Além disso, relacionou o avanço da síndrome com o fenômeno de precarização do trabalho global. A análise dos dados teve como base o Materialismo Histórico dialético. A pesquisa foi de natureza bibliográfica, com abordagem qualitativa sobre os dados obtidos. Concluiu que a precarização do trabalho docente está em todo lugar e que a síndrome de Burnout em professores de Educação Física apresenta similitudes entre professores dessa disciplina em todo o mundo.

Palavras-chave: Trabalho docente. Burnout. Educação Física.

ABSTRACT

In recent years, Burnout syndrome has spread almost as an epidemic in teachers around the world. Expectations and achievements at work collide with reality and produce frustration. This article had as objective to investigate the causal elements and effects of Burnout in Physical Education teachers from the prevalence of this syndrome in studies conducted in Brazil and in some countries of the world. In addition, he related the progression of the syndrome to the phenomenon of precariousness of global work. Data analysis was based on Dialectical Historical Materialism. The research was of bibliographic nature, with a qualitative approach on the obtained data. It concluded that the precariousness of teaching work is everywhere and that Burnout syndrome in Physical Education teachers presents similarities among teachers of this discipline throughout the world.

Keywords: Teaching work. Burnout. Physical Education.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (UFPA). Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: erika7carvalho@gmail.com

² Doutor em Sociologia pela Università degli studi di Napoli Federico II- Itália (2015). Mestre em sociologia pela Universidade Federal do Pará (2010). Licenciado em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará (2007). Professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: rogeriogf@ufpa.br

1. INTRODUÇÃO

Marca de projétil, ceratose actínica e depressão são “fotografias” representativas do cotidiano de alguns professores doentes de Educação Física no município de Belém do Pará, relatadas em um trabalho sobre as condições de vida e saúde de professores (FREITAS, 2010). A marca de projétil deformou a pele de uma professora que, ao fugir do assaltante, foi atingida no ombro. O projétil ficou alojado em seu corpo e, mesmo com dor intensa, não conseguiu licença-saúde.

A ceratose actínica manchou o corpo de um professor que, de sombrinha, ministrava aula no “memorável e aterrorizante horário da fome”: o intermediário. A ceratose evoluiu e, após diagnóstico, foi constatado câncer de pele. Desespero e exaustão expressaram a depressão de outra professora. Na busca por alternativas de cura da depressão, confrontava-se com cenários crescentes de violência na cidade de Belém-PA.

Do outro lado do atlântico, na Inglaterra – país de economia avançada –, foram relatados, recentemente, motivos pelos quais tantos professores desistem da profissão ou ficam doentes com o estresse no trabalho (TAPPER, 2018). Difícil encontrar um professor que não conheceu um colega que deixou a profissão, aposentou-se cedo ou desistiu do trabalho por causa de algum problema de saúde. Acrescenta o autor que 40 mil professores ingleses abandonaram a profissão no ano de 2016. O déficit de professores chegou a 30 mil no país. Salas mais cheias e maior precarização do trabalho para os que ficam são algumas das consequências (TAPPER, 2018).

É crescente o número de professores apavorados com a “espada de Dâmoles” apontada para suas cabeças. Ataques de choro, perda de memória e aumento no uso de antidepressivos são comuns, afirma a Education Support Partnership (ESP), instituição de auxílio à saúde mental atuante na Inglaterra e no País de Gales. A instituição afirmou que, nos últimos 12 meses, o número de professores que procuram ajuda cresceu 35%, sendo registrados 8.668 casos (TAPPER, 2018).

Esses eventos com docentes envolvidos têm conexão com aquilo que Kim, Youngs e Frank (2017) atualmente vêm chamando de manifestação epidêmica social contagiosa: Burnout. O termo é de origem inglesa (Burn = queimar; Out = fora) e designa algo que deixou de funcionar por exaustão de energia (PÊGO, F.; PÊGO, D., 2016; PIRES; MONTEIRO; ALENCAR, 2012; BRASIL, 2001; SILVA, 2006). É desistência, fenômeno real, que com o passar do tempo vai avançando e corroendo os ânimos do trabalhador. O fogo vai se apagando devagar (SANTINI, 2004).

No Brasil, o Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde (BRASIL, 2001), que descreve as doenças relacionadas ao trabalho, na seção sobre Transtornos Mentais e do Comportamento Relacionados ao Trabalho (Grupo V da CID-10), utiliza-se da expressão Síndrome do Esgotamento Profissional ou Sensação de Estar Acabado com o mesmo significado de *Burnout*. No entanto, em muitos estudos, o termo *Burnout* é mantido por “não haver uma palavra em português que sintetize adequadamente o conceito dessa síndrome” (SANTINI, 2004, p. 191). Portanto, neste trabalho, utilizar-se-á o termo Síndrome de *Burnout* ou apenas *Burnout*.

O presente estudo indagou quais são os elementos causais do *Burnout* em professores de Educação Física a partir de análise comparativa entre a produção do tema no Brasil e no exterior. Teve como objetivo compreender melhor o crescente abandono da profissão docente. Justificou-se ao apresentar no campo da Educação Física uma preocupação que se tornou de ordem global: a desistência profissional docente por motivos de adoecimento.

2. METODOLOGIA

O percurso metodológico escolhido para a elaboração e o desenvolvimento deste estudo, baseou-se em pesquisa bibliográfica. Reuniram-se produções acadêmicas sobre *Burnout* em docentes de Educação Física no âmbito nacional e internacional. Realizou-se busca eletrônica nas bases de dados do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e do *Google Scholar*. Utilizou-se o cruzamento dos seguintes descritores: Burnout x Professores de Educação Física, Síndrome do Esgotamento Profissional x Professores de Educação Física, *Burnout x Physical Education Teachers*.

Como critério de refinamento e inclusão, foram selecionados apenas artigos que estivessem disponíveis na íntegra, gratuitamente, em inglês, português ou espanhol, e que tratassem do *Burnout* em professores de Educação Física especificamente no contexto de atuação na Educação Básica. Foram excluídos artigos não disponíveis na íntegra e/ou que tratavam do *Burnout* em professores de Educação Física em outros contextos de trabalho, tais como academias, clubes esportivos, hospitais, autônomos ou que não explicitaram a área de atuação dos docentes.

Este artigo foi dividido em quatro seções. Na primeira, o conceito e as características da Síndrome de *Burnout*. Na segunda, o *Burnout* como fenômeno em expansão em professores de Educação Física no Brasil. Na terceira, a manifestação de *Burnout* no contexto internacional. E, na quarta seção, a relação dos estudos globais e nacionais com o fenômeno geral causal da precarização global do trabalho.

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

3.1 BURNOUT: CONCEITO E CARACTERÍSTICAS

A partir das buscas com os descritores nas bases de dados e após a aplicação dos critérios de refinamento e inclusão, foram encontrados 25 artigos, sendo que 16 deles são de origem internacional, e oito são nacionais. Benevides-Pereira (2003) aponta que, apesar de os estudos sobre *Burnout* terem começado no final da década de 60 com Bradley, os conceitos e as características da síndrome só foram consolidados nas décadas de 70 e 80, nos Estados Unidos, a partir das pesquisas do psiquiatra Freudenberguer, e no início dos anos 80 com a psicóloga social Christina Maslach.

No Brasil, o primeiro trabalho foi divulgado apenas em 1987, publicado na Revista Brasileira de Medicina. Foi na década de 90 que as primeiras teses e outras publicações começaram a aparecer (BENEVIDES-PEREIRA, 2003).

A primeira pesquisa de campo realizada sobre *Burnout* especificamente com professores de Educação Física no Brasil pode ser atribuída a Joarez Santini e Vicente

Molina Neto (2005). Já na esfera internacional, não foi possível identificar com precisão os primórdios das pesquisas sobre *Burnout* em professores da área.

Apesar da diversidade cultural e geográfica da origem dos trabalhos analisados, há um consenso geral a respeito do conceito e das características do *Burnout*. A maioria dos autores conceitua a Síndrome de *Burnout* a partir dos estudos de Christina Maslach e seus colaboradores (MASLACH; JACKSON, 1981; MASLACH; SHAUFELI; LEITER, 2001), que consideram a síndrome como uma resposta ao estresse emocional crônico e interpessoal no ambiente laboral.

A síndrome de *Burnout* é caracterizada, segundo esses autores, como exaustão emocional, despersonalização e redução da realização pessoal, principalmente em profissionais que trabalham diretamente com pessoas, como professores, médicos, enfermeiros, psicólogos e bombeiros.

A exaustão emocional é descrita como um sentimento de estar emocionalmente exaurido e exausto pelo trabalho. Ainda em relação a essa característica, Santini e Molina Neto (2005) e Pires, Monteiro e Alencar (2012) destacam que a exaustão emocional é um desgaste físico e mental. Já a despersonalização é caracterizada por sentimentos negativos, de cinismo e de indiferença na relação com aqueles que estão envolvidos no ambiente de trabalho.

O terceiro componente do *Burnout*, redução da realização pessoal, é descrito como uma visão negativa em relação à capacidade de realizar um trabalho e ter interações pessoais positivas, uma sensação de não ser bem-sucedido e de ser menos competente (YILDIRIM, 2015; HA; KING; NAEGER, 2011; BOTH; NASCIMENTO, 2010; SÁNCHEZ-OLIVA et al., 2014; SANTINI; MOLINA NETO, 2005; SALGADO; SALLES; ALVES, 2012; VALÉRIO; AMORIM; MOSER, 2009).

Maslach e Jackson (1981) desenvolveram um instrumento para avaliar as dimensões do *Burnout*: *Maslach Burnout Inventory* – MBI. O inventário foi utilizado na maioria das pesquisas analisadas neste trabalho e teve como objetivo verificar a prevalência do *Burnout* e o desenvolvimento de suas dimensões. O MBI foi adaptado e traduzido para os diversos países onde estudos foram realizados. Além desse, outros questionários foram utilizados para estabelecer correlações causais entre o *Burnout* e outras variáveis, como qualidade de vida, paixão pelo trabalho, autoeficácia, satisfação, personalidade e motivação.

Apesar de apontar a prevalência das três dimensões do *Burnout*, nota-se que o MBI não é capaz de dizer em que situações os professores manifestam com maior intensidade os elementos da síndrome e quais tipos de fatores estressores mais levam ao esgotamento e à frustração em relação ao trabalho. Além disso, pode ser difícil para o professor assumir seu posicionamento diante do estresse no trabalho ao responder algumas das questões do MBI da seguinte maneira: “creio que trato alguns alunos como se fossem objetos impessoais” ou “não me preocupo com o que ocorre com alguns alunos”, uma vez que não são atitudes esperadas de um professor.

Por isso, uma das tarefas mais difíceis é definir uma razão específica para o desenvolvimento do *Burnout* nos professores de Educação Física, uma vez que inúmeros elementos podem ser considerados como estressores para que a ela ocorra.

Para melhor compreensão, optou-se por classificar, neste trabalho, os fatores que influenciam o desenvolvimento do *Burnout* em dois principais: a) fatores intrínsecos – aqueles que são próprios do sujeito –, como idade, sexo, personalidade, nível de

formação etc. e b) fatores extrínsecos – aqueles que são exteriores, determinados de fora para dentro, como, por exemplo, as determinações políticas e econômicas que direcionam o funcionamento da estrutura educacional nos países e que, conseqüentemente, determinam condições de trabalho em que esses docentes atuam.

Diante da diversidade dos estudos analisados e para fins de comparação, destacaram-se as similitudes entre pesquisas, assim como os elementos causais que foram considerados relevantes para o surgimento da Síndrome de *Burnout*, bem como as conseqüências para a vida e para o trabalho dos professores de Educação Física.

3.2 BURNOUT E OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Dos oito trabalhos encontrados no Brasil, seis deles concentraram-se principalmente na região sul do país, sendo quatro do Rio Grande do Sul, nas cidades de Porto Alegre, Pelotas e Santa Rosa (SANTINI, 2004; SANTINI; MOLINA NETO, 2005; SINOTT et al., 2014; BREMM; DORNELES; KRUG, 2017); um de Florianópolis, Santa Catarina (BOTH; NASCIMENTO, 2010) e outro em Curitiba, no Estado do Paraná (VALÉRIO; AMORIM; MOSER, 2009). Relata-se um trabalho no Rio de Janeiro (SALGADO; SALLES; ALVES, 2012) e outro realizado em Castanhal e Bragança, na região nordeste do Pará (PIRES; MONTEIRO; ALENCAR, 2012).

Santini (2004) realizou revisão bibliográfica com o intuito de aprofundar os estudos sobre *Burnout* nos professores de Educação Física. Constatou que foram raros os trabalhos sobre a temática e que é necessário conhecer mais a síndrome para compreender melhor sua evolução em professores.

Salgado, Salles e Alves (2012) discutiram, em seu ensaio, as condições de trabalho dos professores de Educação Física e algumas estratégias defensivas que são utilizadas pelos docentes para evitar a fadiga. Concluíram que os fatores estressores não podem ser eliminados, mas que uma nova postura da gestão escolar em relação à Educação Física poderia ajudar na prevenção da síndrome.

A maior parte dos demais trabalhos analisados foi de pesquisas de campo que tinham como intuito principal verificar as dimensões e a prevalência do *Burnout* nos professores de Educação Física (tabela 01), relacionando a síndrome a variáveis diversas, como sexo, idade, estado civil, qualidade de vida, estilo de vida etc.

TABELA 1- Prevalência das dimensões do Burnout nos professores de Educação Física nas diferentes pesquisas do Brasil

Pesquisa	Dimensões do Burnout				
	Local	Nº de participantes	Alta Exaustão Emocional	Alta Despersonalização	Baixa Realização Profissional
Sinott et al. (2014).	Pelotas-RS	94	60,6%	22,3%	34%
Bremm, Dorneles e Krug (2017).	Santa Rosa-RS	9	33%	22%	56%
Pires, Monteiro e Alencar (2012).	Castanhal e Bragança-PA	40	17,6%	3,6%	36,1%
Both, Nascimento (2010).	Florianópolis-SC	44	16,7 %	45,2%	26,2 %

Fonte: autoria própria, 2018.

Os resultados das pesquisas nas cidades de Pelotas, no Rio Grande do Sul (SINOTT et al., 2014), Santa Rosa-RS (BREMM; DORNELES; KRUG, 2017) e municípios da região nordeste do Pará (PIRES; MONTEIRO; ALENCAR, 2012) evidenciaram que

professores de Educação Física apresentam principalmente alta exaustão emocional e baixa realização profissional.

Entretanto, em Florianópolis, constatou-se um alto índice de despersonalização nos docentes (BOTH; NASCIMENTO, 2010). Em Pelotas, 8,5% dos professores de Educação Física apresentaram, concomitantemente, alta exaustão emocional, alta despersonalização e baixa realização profissional, sinalizando a presença da síndrome.

Em Curitiba, Valério, Amorim e Moser (2009) realizaram estudo comparativo entre 87 professores de Educação Física e 99 professores de outras disciplinas. Entre os professores de Educação Física, 10% apresentaram a síndrome, enquanto nas demais disciplinas 29,3% sinalizavam *Burnout*.

No entanto, é importante notar que os professores de Educação Física que foram diagnosticados tinham entre 5 e 10 anos de profissão; já os professores das demais disciplinas tinham entre 10 e 20 anos de profissão. Esse dado sugere que existe uma evolução prematura de desgaste no trabalho de professores de Educação Física em início de carreira.

Santini e Molina Neto (2005), por sua vez, realizaram uma pesquisa qualitativa com 15 professores de Educação Física da rede escolar municipal de Porto Alegre-RS que entraram de licença por estresse, ansiedade e depressão entre os anos 2000 e 2002. Através desse estudo, os autores buscaram compreender de que modo os professores abandonavam o trabalho e quais eram os elementos mais significativos para o desenvolvimento do *Burnout*.

Os autores observaram que o trabalho docente tem sido marcado por sentimentos negativos que não apenas comprometem a qualidade do trabalho, mas que fazem acumular reações físicas e emocionais adversas, podendo levar ao *Burnout*. Entre os principais problemas relatados pelos docentes entrevistados, estão: a) formação inicial deficitária, b) multiplicidade de papéis do professor, c) violência e insegurança na escola, d) condições materiais precárias, e) conflitos nas relações interpessoais com colegas de trabalho e f) desvalorização da disciplina Educação Física no currículo da escola (SANTINI; MOLINA NETO, 2005).

O mesmo estudo de Santini e Molina Neto (2005) mostrou uma professora entrevistada que disse ter passado mais de seis meses separando brigas em vez de ministrar suas aulas, além de tomar socos e pontapés durante as tentativas de apaziguamento. Outra professora, no mesmo estudo, chorou ao pensar que tinha que ir trabalhar numa escola a qual denominava “inferno”. Ela recorreu frequentemente ao consumo de bebida alcoólica para esquecer o estresse no trabalho.

Outro professor, ainda no mesmo estudo, queixou-se de começar o dia trabalhando no sereno e de dar aula ao meio dia, debaixo de um sol escaldante. O desgaste vocal é um sofrimento para muitos professores de Educação Física, pois gritar para turmas cheias em locais abertos é bastante frequente no trabalho desses profissionais.

O desgaste generalizado desses professores no Brasil a partir do *Burnout* parece ter similitudes com o do trabalho docente global. Tal fato permite questionar: a síndrome de *Burnout* em professores de Educação Física tem características globais?

3.3 BURNOUT E OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO MUNDO

As pesquisas internacionais sobre *Burnout* encontradas concentraram-se principalmente em países europeus e no continente Asiático. Destacaram-se estudos da Polônia (BRUDNIK, 2010, 2011; CIESLINSKI; SZUM, 2014), da Grécia (TSIGILIS; ZOURNATIZI; KOUSTELIOS, 2011; PANAGOPOULOS; ANASTASIOU; GOLONI, 2014), da Holanda (BROUWERS; TOMIC; BOLUIJT, 2011), da Espanha (CASTILLO et al., 2017; SÁNCHEZ-OLIVA et al., 2014), do Irã (BAI, 2014; FARSANI M.; AROUFZAD; FARSANI F., 2012), da Índia (KUMAR LK; MANOJ, 2017), da Coreia do Sul (HÁ; KING; NAEGER, 2011) e da Turquia (COLAKOGLU; YILMAZ, 2014, YILDIRIM, 2015; ÖLMEZ; ÇAKMAK; KEPOĞLU, 2018). Além destes, localizou-se uma pesquisa da Austrália (SPITTLE; KREMER; SULLIVAN, 2015).

Em relação à prevalência do *Burnout* nas pesquisas internacionais, dos 16 artigos, 8 apresentaram dados referentes à manifestação das dimensões da síndrome. Evidenciou-se que professores de Educação Física, assim como no Brasil, têm sofrido principalmente com alta exaustão emocional e baixa realização pessoal. A despersonalização, apesar de ser uma característica marcante da síndrome, ainda apresenta os menores índices.

TABELA 2- Dimensões do *Burnout* nas pesquisas internacionais

Pesquisa	Dimensões do Burnout				
	País	Nº de participantes	Alta Exaustão Emocional	Alta Despersonalização	Baixa Realização Profissional
Ha, King e Naeger (2011).	Coreia do Sul	132	26,4%	13%	29,28%
Panagopoulos, Anastasiou e Goloni (2014).	Grécia	132	26,14%	1,69%	38,61%
Spittle, Kremer e Sullivan (2015).	Austrália	49	21%	4,7%	38,6%
Farsani, M., Aroufzad e Farsani, F. (2012).	Irã	250	19,45%	4,73%	32,18%
Tsigilis, Zournatizi e Koustelios (2011).	Grécia	207	17,2%	3,85%	38,8%
Brouwers, Tomic e Boluijt (2011).	Holanda	311	16,96%	6,25%	27,96%
Ölmez, Çakmak e Kepoğlu (2018).	Turquia	76	11,52%	4,13%	13,63%

Fonte: autoria própria, 2018.

Observa-se, na Tabela 2, que a Coreia do Sul apresenta maiores índices de exaustão emocional e de despersonalização, o que pode estar relacionado principalmente às características do trabalho docente nesse país. Lá, espera-se que professores de Educação Física sejam também treinadores capazes de selecionar alunos aptos para o treinamento esportivo de alto nível, a fim de manter o país entre os melhores do ranking olímpico mundial.

Grécia e Austrália, no entanto, aparecem como países com taxas mais altas de baixa realização profissional. Segundo Spittle, Kremer e Sullivan (2015), essa redução na realização pessoal pode ser um indicador de alguns desafios do ensino de Educação Física, incluindo o seu baixo status, o isolamento físico do professor, a redução do apoio de administradores e dos funcionários da escola, e a falta de pessoal e de recursos. Especificamente na Grécia, pode estar relacionada a questões salariais e a baixas perspectivas de desenvolvimento profissional (PANAGOPOULOS; ANASTASIOU; GOLONI, 2014).

Com relação às variáveis analisadas que podem influenciar no surgimento do *Burnout*, os estudos internacionais em professores de Educação Física dividiram-se basicamente

em dois grandes grupos neste trabalho: a) aqueles que verificam dimensões do *Burnout* associados a fatores intrínsecos, como idade, sexo, estado civil, nível de formação e outras questões como autoeficácia, motivação, paixão pelo trabalho e personalidade, as quais não tiveram estudos correspondentes no Brasil; e b) estudos que associaram a prevalência do *Burnout* a elementos extrínsecos, como clima organizacional, nível de ensino, satisfação no trabalho, demanda e condições de trabalho, por exemplo.

A começar pelo primeiro grupo de estudos, na Turquia, Colakoglu e Yilmaz (2014) avaliaram 163 professores de Educação Física nas escolas primárias e secundárias e observaram que as variáveis sexo, idade, estado civil e nível de formação não criaram diferenças significativas nos níveis de *Burnout*. Outro estudo realizado na Turquia, com 76 professores de Educação Física, constatou não haver diferenças entre homens e mulheres para o desenvolvimento da síndrome (ÖLMEZ; ÇAKMAK; KEPOĞLU, 2018), assim como Pires, Monteiro e Alencar (2012) constataram a respeito do Brasil.

Já na Polônia, um estudo feito por Brudnick (2011) com 1563 professores de Educação Física mostrou que mulheres e homens reagem de maneira diferente a situações difíceis que ocorrem durante o trabalho na escola. A reação de uma professora ao mau comportamento das crianças foi a perda gradual de um sentimento de realização pessoal. A agressão dos alunos aumentou a exaustão emocional nas mulheres. Os homens, em face da falta de disciplina, tinham uma tendência a se despersonalizar. Kumar LK e Manoj (2017) verificaram que, na Índia, os homens apresentaram maiores índices de *Burnout* que as mulheres.

Outro fator pessoal bastante abordado na literatura analisada é a idade. Nos estudos realizados na Turquia, a idade não foi um fator de diferença para os níveis de *Burnout* (COLAKOGLU; YILMAZ, 2014; ÖLMEZ; ÇAKMAK; KEPOĞLU, 2018). Entretanto, Spittle, Kremer e Sullivan (2015), na Austrália, e Sinott et al. (2014), no Brasil, apontam que os professores de Educação Física mais jovens apresentaram maiores níveis de *Burnout*. Isso pode estar relacionado principalmente à falta de experiência diante das inúmeras demandas do trabalho, às expectativas e ao processo de desregulamentação do trabalho global.

Esse fator também se conecta à fase da vida, por ser mais jovem, o docente necessita de mais recursos para constituir família. Na Polônia, Cieslinki e Szum (2014) observaram que alguns professores mais jovens começam a migrar para a área fitness com o fim de melhorar o salário ou acabam abandonando a profissão docente nas escolas. Além disso, os mesmos autores afirmam que professores de Educação Física, geralmente, são atingidos por uma grave crise profissional aproximadamente no quinto ano de trabalho.

Apesar disso, Brouwers, Tomic e Boluijt (2011), na Holanda, afirmam que a idade pode ter alguma importância na explicação do *Burnout* entre os professores de Educação Física, pois pode ser que os docentes apresentem mais queixas físicas e se sintam mais limitados na realização de suas tarefas laborais à medida que envelhecem, mas essa afirmativa carece de mais pesquisas. Embora existam algumas diferenças entre um estudo e outro, verificou-se que, de modo geral, entre os fatores pessoais, as variáveis idade e sexo não parecem ser determinantes e nem fortes elementos causais para o desenvolvimento do *Burnout* nos professores dessa disciplina.

Outros fatores intrínsecos relatados com menor frequência, mas que necessitam de maior investigação foram os estudos sobre autoeficácia e *Burnout* realizados por Brouwers, Tomic e Boluijt (2011), na Holanda; e por Yildirim (2015), na Turquia. A

autoeficácia está relacionada à capacidade que o indivíduo tem de formular estratégias, mesmo em situações desafiadoras, para alcançar um objetivo. No caso do professor, o objetivo é a aprendizagem dos alunos.

Além da autoeficácia, foram também correlacionados ao *Burnout* a motivação, a frustração (SANCHES-OLIVA et al.; 2014) e a paixão pelo ensino (CASTILLO et al., 2017); ambos os trabalhos realizados na Espanha. De acordo com Benevides-Pereira (2002), as pessoas que estão mais propensas ao *Burnout* são aquelas altamente motivadas, que amam o seu trabalho, perfeccionistas e que, portanto, sentem uma frustração maior quando seus projetos fracassam. Para Castillo et al. (2017), esses professores seriam aqueles que têm uma paixão obstinada pela profissão.

No Irã, Farsani M., Aroufzad e Farsani F. (2012) examinaram 250 professores de Educação Física com o intuito de avaliar a correlação entre *Burnout* e traços de personalidade. Os autores constataram que a personalidade tem um papel significativo na síndrome. Os resultados mostraram que pessoas mais extrovertidas tendem a ser mais autoconfiantes e têm emoções positivas com maior frequência. Professores que apresentavam emoções mais negativas em excesso, como raiva, ansiedade e depressão, tiveram predisposição ao *Burnout*.

Grande parte das pesquisas internacionais enfatizou a questão da desvalorização na Educação Física no contexto escolar (CIESLINSKI; SZUM, 2014; TSIGILIS; ZOURNATIZI; KOUSTELIOS, 2011; SPITTLE; KREMER; SULLIVAN, 2015; BROUWERS; TOMIC; BOLUIJT, 2011; HA; KING; NAEGER, 2011; KUMAR LK; MANOJ, 2017).

Os estudos realizados na Polônia (CIESLINSKI; SZUM, 2014), na Grécia (TSIGILIS; ZOURNATIZI; KOUSTELIOS, 2011), na Austrália (SPITTLE; KREMER; SULLIVAN, 2015), na Holanda (BROUWERS; TOMIC; BOLUIJT, 2011), na Coreia do Sul (HA; KING; NAEGER, 2011) e na Índia (KUMAR LK; MANOJ, 2017) concluem que a Educação física tem sido vista como não importante para a educação de crianças e jovens.

De acordo com Cieslinski e Szum (2014), colegas de profissão de outras disciplinas frequentemente agem de maneira estereotipada em relação à Educação Física na escola quando afirmam que se trata de atividade de simples recreação: “não tem tanto trabalho assim”. Frequente também é esse mesmo olhar da administração escolar quando, por exemplo, dispensa a participação dos professores de Educação Física das reuniões pedagógicas e das tomadas de decisão no interior da escola (SALGADO; SALLES; ALVES, 2012).

Os problemas de estereótipos existentes na disciplina Educação Física envolvendo atores do ambiente organizacional sobre a atuação do professor produzem clima organizacional negativo. Desenvolvem forte criação de sentimento de isolamento desse professor e, conseqüentemente, o desenvolvimento das dimensões do *Burnout*.

A pesquisa feita por Bai (2014), com 37 professores de Educação Física no Irã, indicou que o clima organizacional das escolas no país está relacionado significativamente com o desgaste desses docentes e com o surgimento do *Burnout*. Outra questão refere-se às condições estruturais e materiais que são únicas na Educação Física escolar. As aulas, em muitos países, ocorrem em espaços diferentes da sala de aula, como quadras, campos e outros lugares abertos.

As transformações constantes na sociedade, as inovações tecnológicas, as novas demandas do mercado de trabalho, as reformas políticas e educacionais fazem com que professores tenham que, constantemente, estar preparados para transições abruptas no seu modo de trabalho e de vida.

Exemplos dessas mudanças foram as reformas trabalhistas na Grécia, que tiveram impacto direto nos parâmetros de satisfação e de estresse no trabalho dos professores de Educação Física. Os 132 professores avaliados tiveram uma pontuação baixa em termos de satisfação em relação à segurança no emprego e a questões salariais. Isto contradiz a segurança do emprego do setor público historicamente estabelecida na Grécia, incluindo professores de escolas públicas (PANAGOPOULOS; ANASTASIOU; GOLONI, 2014).

Na Coreia do Sul, em 2008, o governo começou a desenvolver e implantar uma nova política esportiva para a reforma da elite esportiva e da Educação Física. Devido à nova política esportiva, a quantidade de trabalho dado aos professores da disciplina aumentou rapidamente, de modo que os participantes do estudo exibiram um grau elevado de esgotamento (HA; KING; NAEGER, 2011). Essas mudanças foram consideradas uma explicação plausível para os altos níveis de *Burnout* estatisticamente significativos, encontrados na pesquisa realizada por esses autores.

De acordo com Kumar LK e Manoj (2017), na Índia, as reformas nas políticas educacionais também aumentaram a demanda de trabalho precário entre professores de Educação Física. Curiosamente, ao contrário dos estudos internacionais, nenhum dos estudos realizados no Brasil mencionou as questões de reformas políticas e a relação com o desgaste emocional dos professores.

Nas pesquisas internacionais, percebeu-se que o desejo de deixar a profissão e o seu próprio abandono são os resultados mais preocupantes da Síndrome de Burnout nos professores de Educação Física (CIESLINSKI; SZUM, 2014; TSIGILIS; ZOURNATZI; KOUSTELIOS, 2011; SPITLLE; KREMER; SULLIVAN, 2015; HA; KING; NAEGER, 2011; YILDIRIM, 2015).

Diversas razões, como insatisfação no ambiente de trabalho, baixos salários, desvalorização da Educação Física na escola, falta de perspectiva de crescimento na carreira docente e falta de apoio social na escola por meio das relações interpessoais com os demais colegas de profissão fizeram com que 80 professores desistissem da profissão no interior da Polônia em 2013 (CIESLINSKI; SZUM, 2014).

Os resultados nacionais e internacionais apontam, portanto, para uma universalização das características e das condições do trabalho dos professores de Educação Física. Tal universalização tem levado muitos desses docentes ao ápice da exaustão emocional, à insatisfação e à despersonalização. E muitos deles acabam desistindo da profissão. Nesse sentido, parece que o elemento que aproxima essa universalização reside no processo de precarização global do trabalho.

3.4 A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE ESTÁ EM TODO LUGAR: SIMILITUDES “GLOBAIS” DO BURNOUT

La précarité est aujourd'hui partout! Afirmava Pierre Bourdieu (1997). A precariedade anunciada pelo sociólogo francês parece ter atingido notoriedade na contemporaneidade: crise econômica em diversos países, mal-estar, desespero,

angústia, indiferença e banalização da injustiça social. Essa realidade é expressão de um pesadelo social construído pelo neoliberalismo pelo menos nos últimos quarenta anos.

A precariedade é um fenômeno de longo prazo que apareceu em todos os estágios de desenvolvimento e inovação do capitalismo. O renascimento dos lugares de exploração, dos sistemas de trabalho familiar, dos sistemas de output e de subcontratação tem sido uma característica marcante do neoliberalismo (Harvey, 2005).

O fenômeno da precariedade de épocas passadas se renovou sob o feito da nova razão do mundo: a razão neoliberal. Percorreu quase todas as dimensões da sociabilidade humana e, no âmbito educacional, ultrapassou os limites do muro da escola: dessa vez, para dentro. Essa precariedade assumiu o protagonismo na produção de processos de alienação docente. O primeiro processo reside no estranhamento. O professor tem se tornado, para Costa (2009), um repetidor das informações dadas, proveniente de sua formação inicial, pragmática e da aplicação de conteúdos liberais.

Muitas vezes, professores acabam aceitando essas situações pelo fato de terem que conseguir formas de sobreviver. Costa (2009) faz alusão às imposições que são colocadas aos professores, sejam elas pelas legislações abusivas, sejam pelo seu efeito: a intensificação do trabalho.

É possível salientar e relacionar um elemento que Marx (2004) enfatiza quando se refere à alienação do trabalhador e que tem correspondências semelhantes com a atividade docente. Trata-se da alienação do homem em relação ao homem. A mesma constatação (contraditória) sobre o produto do trabalho do professor (ação pedagógica), levando este à autoalienação, ocorre sobre o mesmo espectro, a alienação com os outros homens, os quais podem ser colegas professores ou alunos (FREITAS, 2010).

Os trabalhos internacionais e nacionais investigados neste artigo sugerem que os autores dão destaque aos problemas relacionados às demandas e às condições de trabalho, como, por exemplo, o controle das turmas, que geralmente são superlotadas. O que pode dificultar a questão da disciplina dos alunos durante a aula. Assim como o desgaste físico do professor, por ministrar muitas aulas por dia nesses espaços, aumentando também o desgaste vocal. Por causa do tamanho dos ambientes de aula, o professor acaba tendo que gritar muitas vezes para ser ouvido.

Outro quesito recorrente são as constantes variações climáticas sob as quais o professor de Educação Física tem que desenvolver suas aulas (CIESLINSKI; SZUM, 2014; SANTINI; MOLINA NETO, 2014; TSIGILIS; ZOURNATZI; KOUSTELIOS, 2011, BOTH; NASCIMENTO, 2010, SALGADO; SALLES; ALVES, 2012, SPITTLE; KREMER; SULLIVAN, 2015).

Esse quadro recorrente no cotidiano do professor de Educação Física relaciona-se muito com o processo de alienação destacado por Costa (2009). O autor diz que o professor, mesmo em condições físicas horríveis, de sofrimento no trabalho, permanece ministrando aulas até o momento de esgotamento profissional e, nesse instante, normalmente é alijado do processo de trabalho ou perde sua identidade profissional.

A perda de identidade diminui expressivamente o status da disciplina Educação Física na escola, razão pela qual estereótipos são difundidos no interior da instituição. Professores entrevistados por Santini e Molina Neto (2005) afirmaram que a aula de Educação Física não é respeitada. Qualquer um entra no espaço da aula por, geralmente, estar num lugar aberto.

Em outras circunstâncias, enquanto o professor de Educação Física “toma de conta” das turmas, os demais professores estão em reuniões pedagógicas (SALGADO; SALLES; ALVEZ, 2012). Na Polônia, por exemplo, os professores de Educação Física afirmaram não ter oportunidade na tomada de decisões na escola, sentindo-se desvalorizados por alunos e colegas (CIESLINSKI; SZUM, 2014).

Quando não consegue abandonar a profissão ou se adaptar às situações estressantes, o professor de Educação Física parece desenvolver comportamento de acomodação, perda de iniciativa/interesse ou apatia (SANTINI; MOLINA NETO, 2005; CIESLINSKI; SZUM, 2014; YILDRIM, 2015; PIRES; MONTEIRO; ALENCAR, 2012).

O professor abandona o trabalho mesmo estando no posto de trabalho, perdendo sua identidade. Nesse caso, segundo Santini e Molina Neto (2005), o profissional de Educação Física muda sua postura como numa reação defensiva, tornando-se um “professor-bola”, como um modo de “aliviar” ou de “dar um tempo”. Acaba, portanto, diminuindo seu comprometimento com o processo formativo dos alunos, interferindo na obtenção dos objetivos pedagógicos.

Os estudos nacionais e internacionais mostraram que essa reação pode aprofundar o sentimento de autoavaliação negativa de si mesmo, por viver uma intensa e, geralmente, prolongada frustração na realidade do ambiente de trabalho (CIESLINSKI; SZUM, 2014; YILDRIM, 2015; SANTINI, 2004; SANTINI; MOLINA NETO, 2005).

O professor, portanto, passa a viver um sentimento de alienação ocupacional, ainda que muitas vezes nem saiba ou não perceba. Considera seu trabalho sem valor. Uma vez que não se sente como pertencente ou como reconhecido nesse ambiente de trabalho, prossegue no caminho que o leva à despersonalização, desenvolvendo atitudes negativas, insensíveis e cínicas diante dos alunos e dos colegas de trabalho.

Infere-se, então, que, no âmbito global, professores de Educação Física que atuam nas escolas têm lidado com diversas circunstâncias adversas que prejudicam o desenvolvimento de seu trabalho, influenciando diretamente no desenvolvimento do *Burnout* e na conseqüente desistência, no abandono da profissão e na perda de identidade.

4. CONCLUSÕES

Diante do exposto, constata-se que o *Burnout* se desenvolve a partir de múltiplos fatores, de ordem intrínseca e/ou extrínseca. Manifesta-se em professores de Educação Física de diversos países de maneira semelhante. É considerado um problema de saúde mental global no campo educacional e prejudica fortemente a vida e o trabalho do professor.

Apesar das diferenças culturais, geográficas, sociais, políticas e econômicas nos países, a maior semelhança contemporânea que se pode encontrar no trabalho do professor dessa disciplina reside no crescente processo de precarização do trabalho da categoria.

O crescente aumento dessa precarização influencia diretamente no desenvolvimento do *Burnout*. Esse elemento causal desenvolve-se no circuito educativo e produz como efeito da precarização a desvalorização da Educação Física no currículo escolar, os estereótipos a respeito da disciplina e o péssimo clima organizacional da escola decorrente de atitudes dos colegas professores, dos alunos, dos pais e da gestão escolar.

Somam-se a isso as condições materiais e estruturais para o exercício do trabalho docente. Todos esses fatores têm contribuído para o desenvolvimento de um sentimento negativo em relação ao trabalho, a perda de interesse, a desistência e o abandono da profissão.

A partir dos resultados encontrados, infere-se a necessidade de mudanças substanciais nas condições físicas e estruturais do ambiente do trabalho dos professores de Educação Física, e também de transformações políticas e sociais que visem à valorização dessa disciplina no contexto escolar e, conseqüentemente, do professor que atua na área.

A tentativa de apresentar inicialmente um panorama global sobre o *Burnout* em professores de Educação Física neste trabalho é mais um passo para contribuir para que outros pesquisadores da área – e não só – realizem outras análises que objetivem o preenchimento de lacunas apresentadas, bem como as possibilidades de prevenção e enfrentamento da síndrome.

REFERÊNCIAS

BAI, N. The relationship between school organizational climate and physical education teachers' burnout (Case study: Ramian-Iran). **European Journal of Experimental Biology**, v. 4, n. 1, p. 600-602, 2014.

BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. O estado da arte do Burnout no Brasil. **Revista Eletrônica Interação Psy**, ano 1, n. 1, p. 4-11, ago. 2003.

BOTH, J.; NASCIMENTO, J. V. Condições de vida do trabalhador docente em Educação Física do magistério público municipal de Florianópolis. **Caderno de Educação Física**, Marechal Cândido Rondon, v. 9, n. 16, p. 11-28, 1. sem., 2010.

BOURDIEU, P. **La précarité est aujourd'hui partout**: intervention lors des rencontres européennes contre la précarité. Grenoble, p. 12-13, dez. 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde do Brasil. **Doenças relacionadas ao trabalho**: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília: MS, 2001. 580 p. (Série A. Normas e Manuais Técnicos, n. 114).

BREMM, L. T.; DORNELES, C. I. R.; KRUG, M. M. Síndrome de Burnout em professores de Educação Física. **Revista Biomotriz**, v. 11, n. 2, p. 66-83, ago. 2017.

BROUWERS, A.; TOMIC, W.; BOLUIJT, H. Job demands, job control, social support and self-efficacy beliefs as determinants of burnout among physical education teachers. **Europe's Journal of Psychology**, v. 7, n. 1, p. 17-39, 2011.

BRUDNIK, M. Macro-paths of Burnout in Physical Education Teachers and Teachers of Other general subjects. **Studies in physical culture and tourism**, v. 17, n. 4, p. 353-365, 2010.

BRUDNIK, M. Professional Burnout in Female and Male Physical Education Teachers – a four-phase typological model. **Human Movement**, v. 12, n. 2, p. 188-195, 2011.

CASTILLO, I. et al. Passion for teaching, transformational leadership and burnout among physical education teachers. **Journal of Sport Psychology**, v. 26, n. 3, p. 57-61, 2017.

CIESLINSKI, R.; SZUM, E. Burned out or just frustrated? Reasons why physical education teachers leave their profession. **Physical Culture and Sport Studies and Research**, v. 63, p. 29-35, 2014.

COLAKOGLU, F. F.; YILMAZ, T. Burnout levels of physical education teachers according to personal factors. **Procedia – Social and Behavioral Sciences**, n. 152, p. 409-414, 2014.

COSTA, A. Entre a dilapidação moral e a missão redentorista: o processo de alienação no trabalho dos professores do ensino básico brasileiro. In: COSTA, A.; FERNANDES NETO, E.; SOUZA, G. **A proletarianização do professor**: neoliberalismo na educação. São Paulo: Sundermann, 2009.

FARSANI, M. S.; AROUFZAD, S.; FARSANI, F. A. Relação entre burnout com saúde mental e traços de personalidade entre professores de Educação Física. **European Journal Experimental Biology**, v. 2, n. 6, p. 2140-2144, 2012.

FREITAS, R. G. de. **As condições de vida no trabalho e a saúde de professores de educação física do município de Belém**. 2010. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

HA, Jae-Pil; KING, K. M.; NAEGER, D. J. The impact of burnout on work outcomes among South Korean physical education teachers. **Journal of Sport Behavior**. v. 34, n. 4, p. 343-357, dez. 2011.

HARVEY, D. **A Brief History of Neoliberalism by David Harvey**, Oxford University Press, 2005, 256 p.

KIM, J.; YOUNGS, P.; FRANK, K. Burnout contagion: Is it due to early career teachers' social networks or organizational exposure? **Teaching and Teacher Education**, n. 66. p. 250-260, 4 abr. 2017.

KUMAR LK, J.; MANOJ, TI. Burnout: as diferenças de magnitude e gênero entre professores de Educação Física nas escolas de ensino fundamental, superior e secundário do Estado de Kerala, Índia. **International Journal of Physical Education, Sports and Health**, v. 4, n. 4, p. 468-471, 2017.

MARX, K. **Manuscritos econômicos filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MASLACH, C.; JACKSON, S. E. The measurement of experienced burnout. **Journal of Occupational Behavior**, New Jersey, v. 2, p. 99-113, 1981.

MASLACH, C.; SCHALFELI, W. B.; LEITER, M. P. Job Burnout. **Annual Review of Psychology**, Palo Alto, v. 52, p. 397-422, 2001.

ÖLMEZ, E.; ÇAKMAK, U.; KEPOĞLU, A. The relationship between occupational burnout levels of job satisfaction of Physical Education Teachers in the case of Muğla Province. **International Journal Physical Education Fitness Sports**, v. 7, n. 1, p. 6-10, 2018.

PANAGOPOULOS, N.; ANASTASIOU, S.; GOLONI, V. Professional Burnout and Job Satisfaction among Physical Education Teachers in Greece. **Journal of Scientific Research & Reports**, v. 3, n. 13, p. 1710-1721, 2014.

PÊGO, F. P. L.; PÊGO, D. R. Síndrome de Burnout. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, n. 14 (2), p. 171-6, 2016.

PIRES, D. A.; MONTEIRO, P. A. P.; ALENCAR, D. R. Síndrome de Burnout em professores de Educação Física da região nordeste do Pará. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, n. 4, p. 821-1113, out./dez. 2012.

SALGADO, S. S.; SALLES, F. L.; ALVES, C. F. A. A Educação Física e os fatores estressores do cotidiano escolar: situando professores e gestores. **Motrivivência**, ano XXIV, n. 39, p. 92-100, dez. 2012.

SÁNCHEZ-OLIVA, D. et al. Motivación y burnout en profesores de educación física: incidencia de la frustración de las necesidades psicológicas básicas. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 14, n. 3, p. 75-82, 2014.

SANTINI, J.; MOLINA NETO, V. A síndrome do esgotamento profissional em professores de Educação Física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 209-22, jul./set. 2005.

SANTINI, J. Síndrome do esgotamento profissional: revisão bibliográfica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 183-209, jan./abr. 2004.

SILVA, M. E. P. da. Burnout: por que sofrem os professores? **Estudos e pesquisas em Psicologia**, UERJ, Rio de Janeiro, ano 6, n. 1, 1. sem. 2006.

SINOTT, E. C. et al. Síndrome de Burnout: um estudo com professores de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 519-539, abr./jun. 2014.

SPITTLE, M.; KREMER, P.; SULLIVAN, S. Burnout in secondary school physical education teaching. **Physical Education and Sport**, v. 13, n. 1, p. 33-43, 2015.

TAPPER, J. Burned Out: why are so many teachers quitting or off sick with stress? **The Guardian**. United Kingdom, 13 maio 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/education/2018/may/13/teacher-burnout-shortages-recruitment-problems-budget-cuts>>. Acesso em: 1 jun. 2018.

TSIGILIS, N.; ZOURNATIZI, E.; KOUSTELIOS, A. Burnout among physical education teachers in primary and secondary school. **International Journal of Humanities and Social Science**, v. 1, n. 7, p. 53-58, jun. 2011. Edição especial.

VALÉRIO, F. J.; AMORIM, C.; MOSER, A. M. A síndrome de Burnout em professores de Educação Física. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 1, n. 1, p. 127-136, 2009.

YILDIRIM, I. The Correlation between Organizational Commitment and Occupational Burnout among the Physical Education Teachers: the Mediating Role of Self-Efficacy. *International Journal of Progressive Education*, v. 11, n. 3, p. 119-130, out. 2015.

Data da submissão: 21/08/2018

Data da aprovação: 03/08/2019